

MICHAEL HORTON

EVANGÉLICOS CATÓLICOS

e os obstáculos à unidade


VIDA NOVA

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Por que ainda estamos divididos? | 7

CAPÍTULO 2

Os evangélicos são católicos? | 11

CAPÍTULO 3

Os católicos são evangélicos? | 17

CAPÍTULO 4

Dois obstáculos à unidade | 23

CAPÍTULO 5

Mais um obstáculo à unidade | 37

CAPÍTULO 6

Dois outros obstáculos à unidade | 49

CONCLUSÃO

Uma palavra final | 55

BIBLIOGRAFIA | 63



POR QUE ESTAMOS
AINDA
DIVIDIDOS?

Como a igreja pode ser a sinfonia da redenção se seus músicos interpretam a composição de maneiras tão diferentes, que o som produzido parece mais uma cacofonia do que um concerto harmonioso?

O mundo faz essa pergunta. E nós, também.

Quando procuramos uma igreja específica ou certo tipo de igreja na internet, encontramos uma confusa variedade de denominações. Há centenas de denominações nos Estados Unidos. Em outras regiões, como a Irlanda do Norte e a América Central, protestantes e católicos romanos ainda pegam em armas uns contra os outros. Isso não só é um escândalo para o mundo que nos observa, mas algumas vezes representa um peso esmagador, especialmente para os novos cristãos que estão apenas buscando uma estrutura sólida onde sua fé possa se desenvolver.

Ao mesmo tempo, o secularismo crescente de nossa época — refletido na “cultura de morte” que o naturalismo, o pragmatismo e o relativismo desencadearam — reduz a influência da religião na sociedade a quase nada. Nesse ambiente, e considerando-se que católicos romanos e protestantes dedicados têm tanto em comum, muitas pessoas consideram que destacar as diferenças doutrinárias restantes é como ficar tocando lira enquanto Roma pega fogo.

Não é surpresa, então, que haja uma grande impaciência com as divisões que assombram o testemunho cristão mesmo no início de seu terceiro milênio. As cruzadas de Billy Graham romperam com o fundamentalismo que

tendia a associar o catolicismo romano com tudo que estava errado no mundo. Graham até convidou sacerdotes locais e líderes católicos importantes para estarem ao seu lado nas plataformas de suas cruzadas. O papa João XXIII e o Concílio Vaticano II abriram as janelas e deixaram que os ventos da ortodoxia oriental e do protestantismo (tanto liberal quanto evangélico) soprassem pelos corredores sagrado de Roma. A modernidade, contra a qual Roma lutou em muitos aspectos com mais bravura que as principais denominações protestantes, no final teve a entrada franqueada, e muitas mudanças se seguiram — pelo menos na superfície.

Especialmente nos Estados Unidos, protestantes e católicos romanos começaram a casar entre si, à medida que as diferenças religiosas, se não a própria religião, passaram a ter menor importância. Houve muitas aberturas ao diálogo, e

algumas delas realmente ajudaram a alcançar um maior entendimento das diferenças e concordâncias entre as partes.

O movimento carismático, os grupos de estudo bíblico, os Promise Keepers, os grupos pró-vida e outros movimentos de base têm atraído, de maneira não institucional, membros de ambas as comunidades religiosas, apesar das divisões oficiais da igreja. Todos nos encontramos frente a

Muitas pessoas consideram que destacar as diferenças doutrinárias restantes é como ficar tocando lira enquanto Roma pega fogo.

frente com estranhos e muitas vezes acabamos descobrindo que são nossos amigos. De fato, em muitos casos, descobrimos que eles são verdadeiros irmãos e irmãs em Cristo.

Foi quando, em 1994 e 1997, dois grupos compostos de evangélicos e católicos romanos elaboraram dois documentos que delineavam os pontos comuns que poderiam servir de base para o acordo entre as partes (Evangelicals and Catholics Together [Evangélicos e católicos juntos] e The Gift of Salvation [O dom da salvação]). Muitos tomaram isso como um sinal de que as questões que haviam separado as duas comunidades religiosas por aproximadamente cinco séculos não seriam mais obstáculo à unidade e parceria genuínas, alicerçadas em um mesmo entendimento do evangelho.

Tudo isso tem confundido e preocupado muitos crentes que esperam sinceramente uma unidade maior e mais visível entre o rebanho de Cristo. Nós desejamos essa unidade, mas não podemos, de bom grado, abrir mão da verdade essencial, em nome de uma falsa paz. Para os que se preocupam com essa verdade, a unidade cristã deve ser um casamento feito no céu, não uma fusão ou aquisição feita na terra. Diante disso, cabe a pergunta: “Como devemos navegar nessas águas turbulentas?”

Vamos começar fazendo duas importantes perguntas. Em primeiro lugar: “Os evangélicos são católicos?” Em segundo lugar: “Os católicos romanos podem ser considerados evangélicos?”

“**COMO A IGREJA PODE SER A SINFONIA DA REDENÇÃO SE SEUS MÚSICOS INTERPRETAM A COMPOSIÇÃO DE MANEIRAS TÃO DIFERENTES, QUE O SOM PRODUZIDO PARECE MAIS UMA CACOFONIA DO QUE UM CONCERTO HARMONIOSO? O MUNDO FAZ ESSA PERGUNTA. E NÓS, TAMBÉM.**”

MICHAEL HORTON traz à tona essa pergunta no capítulo de abertura de *Evangélicos, católicos e os obstáculos à unidade*. Não terá chegado a hora de católicos romanos e evangélicos finalmente porem de lado suas diferenças e fazer frente, de mãos dadas, ao secularismo? Por que esses dois grupos ainda estão divididos depois de tantos séculos? Os luteranos e os católicos romanos já não se uniram, publicando uma declaração de unidade? Ou, como Mark Noll pergunta, “A Reforma acabou?”.

“Tudo isso tem confundido e preocupado muitos crentes que esperam sinceramente uma unidade maior e mais visível entre o rebanho de Cristo”, escreve Horton. “Nós desejamos essa unidade, mas não podemos, de bom grado, abrir mão da verdade essencial, em nome de uma falsa paz. Para os que se preocupam com essa verdade, a unidade cristã deve ser um casamento feito no céu, não uma fusão ou aquisição feita na terra”.

Neste livro pequeno, mas de profunda reflexão, Michael Horton pergunta se os *evangélicos* podem ser considerados católicos e se os *católicos romanos* podem ser considerados evangélicos. Em seis breves capítulos, ele ajuda o leitor a navegar por essas águas turbulentas, chegando à conclusão de que não apenas a Reforma foi necessária há quinhentos anos, mas que este debate ainda é importante e válido para os dias atuais.

Michael S. Horton (PhD, University of Coventry, Wycliff Hall, Oxford) é professor de Teologia Sistemática e Apologética da cátedra J. Gresham Machen, no Westminster Seminary, na Califórnia. É autor de *As doutrinas da maravilhosa graça* e *Cristianismo sem Cristo*, publicados pela Cultura Cristã, e de *Rediscovering the Holy Spirit*, a ser publicado por Vida Nova.




VIDA NOVA

 vidanova.com.br
 [/vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)
 [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

ISBN 978-85-275-0755-4



9 788527 507554